

O Furacão Katrina: Nova Orleans perdida na enchente

Greil Marcus e Werner Sollors
Tradução de Idelber Avelar

As pessoas já a haviam visto antes. Em 1937, em “Old Man”, de Faulkner, publicado em partes intercaladas com “As palmeiras selvagens” no livro que Faulkner queria chamar de *Se eu vos esquecer, Jerusalém*, um prisioneiro recebe a ordem de salvar uma mulher grávida que está presa num monte de cipreste que o narrador chama de “aquela arca terrestre do Gênese”. O título da história se refere ao Mississippi, e a história capta a grande enchente do Mississippi de 1927 – enchente entendida, em seu momento, ao mesmo tempo como bíblica e comum, algo que simultaneamente atrapalharia as idas e vindas dos indivíduos e os introduziria a um ritual da História. O prisioneiro ouve um som:

Ele não sabia o que era porque nunca o ouvira antes e não se esperaria que ele o ouvisse de novo, posto que não é dado a todo homem ouvi-lo jamais e a nenhum ouvi-lo mais que uma vez na vida. E ele também não estava alarmado pois não havia tempo, porque apesar de que a visibilidade adiante, com toda sua claridade, não se estendia muito longe, mesmo assim no instante seguinte à audição ele também estava vendo algo que nunca vira antes. Era que a linha nítida onde a água fosforescente se encontrava estava agora três metros e meio mais alta do que havia estado um instante antes e que ela se contorcia sobre si mesma como uma massa sendo enrolada para fazer uma broa. Ela se levantava, contorcendo-se, a crista revolta como a crina de um cavalo a galope e, também fosforescente, fervia e chamejava como fogo.

A estranheza dos símiles incongruentes nesse trecho, como a massa da broa ou a crina do cavalo, só reforça a grandeza aterrorizante da enchente. Em outros trechos, a vasta extensão cinza do rio transbordando e tornando as ruas invisíveis é descrita como “uma única folha da cor do aço, perfeitamente achatada e imóvel na qual os postes telefônicos e as filas de arbustos que marcavam as linhas divisórias pareciam estar fixas e rígidas como que fincadas no concreto ... Parecia que você poderia caminhar nelas”. Na medida em que a história avançava, as pessoas caminhavam mesmo sobre ela, ou sob ela. No romance de Zora Neale Hurston, *Their eyes were watching God*, apenas um ano depois o Furacão Okeechobee caminha como homem:

Três metros e meio pra cima, e adiante até onde a vista alcançava, a parede murmurante avançava ante as águas escoradas como um triturador de estradas em escala cósmica. A besta monstropolitana havia saído da cama. Ventos de trezentos quilômetros por hora haviam soltado suas cadeias. Ele se agarrou nos diques e correu até chegar aos bairros; arrancou-os como se fossem grama e correu atrás daqueles que supostamente seriam seus conquistadores, rolando os diques, rolando as casas, embolando as pessoas das casas junto com as outras madeiras. O mar andava na terra com tamancos pesados.

“O vento voltou com fúria tripla”, escreveu Hurston, “e apagou a luz pela última vez. Eles se sentaram com os outros em outros barracos, os olhos tensionando-se contra

paredes sem reboco e a alma perguntando-se se Ele tinha a intenção de medir a potência insignificante deles contra a Dele. Eles pareciam estar olhando para a escuridão, mas seus olhos observavam Deus”. Em 1974, o cantor Randy Newman, que passou a infância em Nova Orleans, voltou com “Louisiana 1927”. Ele viu “Presidente Coolidge descer num trem de ferro / e um gordinho com um bloco nas mãos / o Presidente disse 'gordinho, não é uma vergonha / o que o rio fez / com essa pobre terra de bolacha’”. Estranhamente, no entanto, a canção parecia desvinculada de qualquer acontecimento, uma canção flutuante, que espera mas também olha para trás. Nos dias que se seguiram ao Katrina, era uma canção que, como disse um comentarista, “*todo mundo conhecia*”. Uma e outra vez, Newman aparecia para tocá-la. O que ela significava? Onde estava a História e o que ela queria? Tom Paine proclamou em *Common Sense*: “está em nosso poder começar o mundo de novo. Uma situação semelhante à atual não havia acontecido desde os dias de Noé. O nascimento de um novo mundo está ao alcance das mãos, e uma raça de homens, talvez tão numerosa como a contida em toda a Europa, está para receber a sua porção de liberdade do acontecimento de uns meses”. Com esperança num começo americano completamente novo, pós-diluviano, livre, Paine não parecia pensar no pronunciamento de Deus antes de inundar o mundo: “Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito.” Era a benção divina dos sobreviventes escolhidos que parecia mais adequada: “E abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra.” Esta era a América, insistia Melville em *White Jacket*: seus cidadãos, o “povo escolhido, singular”, e a nação mesma era a “arca das liberdades do mundo” na qual ele zarpava.

Mas o que era Nova Orleans? Em 1909, a segunda edição do *United States with excursions to Mexico, Cuba, Porto Rico, and Alaska*, de Baedeker, aconselhava os viajantes que “passaportes, apesar de desnecessários nos Estados Unidos, podem ser úteis na tentativa de entrega de cartas registradas ou retidas nos correios”, e elogiava a malha ferroviária de 460 quilômetros (“mais da metade da quilometragem de todo o mundo”) com oito grandes linhas saindo de e indo até as cinco estações só em Nova Orleans, uma cidade com nomes de ruas “pitorescos” em francês e em espanhol (“a pronúncia anglicizada às vezes confundirá um estrangeiro”); o leitor também se inteirava de que “grande parte da cidade está abaixo do nível do rio durante as marés cheias, que duram alguns dias por ano, e é protegida por dique ou aterro”. Isso era Nova Orleans; mas imagine agora que se tratava de qualquer lugar, qualquer grande cidade, qualquer povoado, nos quais, por um momento, estivesse fixada a atenção da nação. O lugar então se torna um espelho, a própria face da nação. Na imaginação nacional, o lugar se torna a nação, ou sua negação – a cara que a nação encara, ou a cara da qual ela se afasta.

Essas eram as circunstâncias quando, a partir de 29 de agosto de 2005, o furacão Katrina e depois o furacão Rita esmagaram a cidade. As preparações feitas pelo prefeito e pelo governador foram deixadas de lado enquanto eles clamavam por ajuda do governo federal, cujos representantes diziam que estava tudo sob controle ou que eles não podiam confirmar o que o mundo via nas notícias. Ocorreram cinquenta e três rupturas nos diques. Oitenta por cento da cidade ficou debaixo d'água. Os cidadãos subiam aos seus telhados, gritavam, pedindo ajuda, e lhes era dito que não se podia fazer nada. Centenas e centenas de pessoas se afogaram; ninguém sabe quantas foram. A cidade foi abandonada para que se afogasse. Inúmeros americanos, das unidades da Guarda Nacional de todos os estados até organizações de socorro a solitários

engenheiros, bombeiros, profissionais da saúde e da assistência humanitária de países estrangeiros, foram à Louisiana para ajudar; a maior parte do país decidiu que já tinha visto o suficiente, que não havia nada a fazer, que havia coisas mais importantes em que pensar.

Se, naquele momento, Nova Orleans era a nação, a nação ainda existia? Se ela existia, merecia existir? A comunidade floresceria se os seus membros “tornem as condições de outrem as suas próprias, se regozijem juntos, façam o luto juntos, trabalhem e sofram juntos”. John Winthrop disse à nação reunida diante de si em 1630; ela desapareceria se não fizesse isso. Desapareceu?

“Eles circularam um morto sentado numa rede, totalmente rodeado de animais selvagens e cobras”, escreveu Hurston. “Outro homem se agarrava a um cipreste numa ilha. O telhado de lata de uma casa se dependurava nos galhos com a fiação elétrica e o vento o sacudia como um poderoso machado. O homem não ousava mexer-se um passo para a direita, ou a lâmina esmagadora o cortaria. Ele não ousava andar um passo para a esquerda, pois uma enorme cascavel estava completamente esticada com a cabeça ao vento”.

“Eu vi um homem remando num barco, puxando vigorosamente os remos, de costas para os dois corpos que se empilhavam na proa, o rosto firme em determinação estoica, como se seus esforços pudessem desfazer a pior escolha do destino”, diz o detetive Dave Robicheaux no *Rin Roof Blowdown*, de James Lee Burke, seu romance policial sobre o Katrina – mas o assassinato de verdade não é quem atirou no saqueador pelas costas ou torturou a mulher até a morte. Burke evocava as cadências de “A Hard Rain's A-Gonna Fall”, de Bob Dylan e, ao contrário da canção, em suas páginas a chuva era chuva antes de ser símbolo: “vi um bebê negro pendurado nos galhos de uma árvore, com as minúsculas mãos na corrente, as fraldas de plástico imaculadas à luz da lua. Vi pessoas comendo pacotes de mostarda e ketchup que haviam saqueado de um café, dividindo entre elas o que tinham”.

Foi um acontecimento em que cada palavra se transformou em poesia, tal era sua carga. A primeira página do *New York Times* do dia 2 de setembro de 2005: abaixo da manchete *Desespero e crime tomam conta de Nova Orleans com milhares presos na miséria*, há uma foto que ocupa quase toda a largura da página. À direita, sobre um viaduto com muito lixo espalhado, uma mulher serve água de uma garrafa num contêiner de comida de cachorro, tentando interessar seu cão marrom e branco, que abaixa a cabeça, como se já não pudesse ver, ouvir, comer ou cheirar, ou isso já não lhe interessasse. A imagem tem profunda gravidade; é possível olhar para ela por longo tempo sem perceber que à esquerda, na água, há um corpo boiando, de braços, com os braços esticados – alguém vestido com uma roupa branca que cobre da cabeça aos joelhos. A mulher no viaduto desviou o olhar ou não viu. O que importa? Como escreveu John Adams em 1790 nos *Discourses on Davila*, dada a escolha entre se alimentar e alimentar seu cão, um homem sempre escolherá alimentar seu cão, pois aí pelo menos haverá alguém para admirá-lo.

E o Presidente Coolidge sempre virá dar uma olhada.

“O que você achou de Lyndon Johnson?”, a xerife Helen Solieau pergunta a Dave Robicheaux em *Tin Roof Blowdown*.

Antes ou depois de eu chegar ao Vietnã?

Quando o furacão Betsy bateu em Nova Orleans, em 65, Johnson foi até a cidade e visitou um abrigo cheio de gente que havia sido evacuada de Algiers. Do lado de dentro estava escuro, as pessoas tinham medo e não sabiam o que ia acontecer com elas. Ele acendeu uma lanterna sobre o rosto e disse “meu nome é Lyndon Baines Johnson. Eu sou o raio do presidente e estou aqui para dizer que eu e meu gabinete e o povo dos Estados Unidos estão do seu lado”. Nada mau, não é?

Você acredita, você consegue acreditar nessa história? Se você acredita, é porque se trata de uma história que marcadamente não tem a ver com oportunidades de fotos para a imprensa, com diretores e técnicos de luz e maquiadores e figurinistas se apoderando do lugar, mas com um cômodo escuro e um homem fazendo o gesto estranho, violento, trovejante de estalar os dedos e acender uma lanterna sobre seu próprio rosto, combinando a vaidade com a desnudez? Ou James Lee Burke colocou essa história no personagem mais difícil de enganar simplesmente para que ela ficasse ali de réplica para todas as histórias do Katrina que não eram rumores, fofocas, lendas populares?

No dia 3 de setembro de 2005, cinco dias depois de iniciado o filme de horror que era agora chamado de furacão Katrina, o Presidente George W. Bush chegou a Nova Orleans. No avião “Air Force One”, ele se reuniu com a governadora democrata da Louisiana, Kathleen Blanco, e tentou forçá-la a entregar a Guarda Nacional da Louisiana ao governo federal, reconhecendo assim que ela era incapaz de governar seu próprio estado; reuniu-se com o prefeito de Nova Orleans, Ray Nagin, com o senador David Vitter, republicano, e com a senadora Mary Landrieu, democrata. Daí, de helicóptero, eles sobrevoaram a cidade. Não tinha havido nenhuma ajuda para os vivos ou mortos, mas agora, no Canal da Rua 17, o local da ruptura mais desastrosa de um dique, o Corpo de Engenheiros do Exército havia começado o trabalho. “Eu fiquei tão entusiasmada”, disse depois a senadora Landrieu ao historiador Paul Alexander, “porque eles finalmente estavam fazendo alguma coisa”.

No dia seguinte, a senadora Landrieu fez outra inspeção na cidade de helicóptero, desta vez com o correspondente de TV George Stephanopolous. “Ainda há gente presa nos telhados”, ela disse; ele tinha que ver. Viram. Mas ela sentiu que tinha que lhe mostrar que havia esperança; ele tinha que ver o que estava acontecendo no Canal da Rua 17. “Juro, como meu nome é Mary Landrieu, que pensei que o que eu havia visto com o Presidente ainda estava lá – as pessoas trabalhando, caminhões, bolsas de areia, tudo. Daí eu olhei pra baixo e vi um pequeno guindaste. Foi como se alguém tivesse pegado uma faca e me perfurado o coração. Perdi o rumo”.

“Eu não conseguia acreditar que o Presidente dos Estados Unidos”, lembra a senadora Landrieu, em palavras que comunicam como, anos depois, ela ainda tentava não acreditar na nudez do que ela havia visto com seus próprios olhos, “havia vindo à cidade de Nova Orleans e basicamente armado um cenário de teatro. É como se você tivesse ido a um estúdio da Califórnia e feito um filme. Eles colocaram o cenário lá e no minuto em que nós fomos embora eles o retiraram. Todos os caminhões haviam desaparecido. Todo o pessoal da Guarda Costeira havia sumido. Era agora um lugar

vazio com um pequeno guindaste. Foi a coisa mais triste que vi em toda a minha vida. Naquele momento eu soube o que estava acontecendo e daí em diante passei a ser outra mulher”.

Ela havia visto o país, os Estados Unidos da América, em todo seu poder, claramente, ela tinha lido seus símbolos, tinha visto sua história, passada e presente, revelada ante seus olhos. Ela havia visto o país, e o havia visto desaparecer.